

ESTILO RITUAL DE TRIBAL ARTISTIC DANCE E SUAS RELAÇÕES COM AS DANÇAS ÉTNICAS E DE FUSÃO

São Paulo – 2016

ARTISTIC DANCE

Dança para o indivíduo.

Criação e desenvolvimento: Loreta Marjory desde 2013

Registrada na Fundação Biblioteca Nacional desde 2014. Reorganizada em 2018.

www.tribal-artistic-dance.webnode.com

Loreta Marjory Renzi

Profissional de Educação Física Registrada

CREF 120044 GSP

www.loreta-marjory.webnode.com

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, o indivíduo vem se adequando às suas questões pessoais e sociais quanto ao termo dança. Na antiguidade, os povos se movimentavam a fim de adorar elementos da natureza, pedindo por meio de suas danças, chuva, para germinar seus plantios, pedindo bênçãos e proteções para caça, pesca, e todas as crenças voltadas a esta época. Muitas vezes continham até mesmo sacrifícios, voltados aos Deuses de suas respectivas culturas. Outras, simplesmente adoravam o sagrado.

Atualmente verificamos uma vasta extensão do que podemos chamar de possibilidades de dança, até mesmo se tratando de cultura, antiguidade e povos antigos. Tais danças se incluem como sendo Étnicas, das quais se encontram raízes culturais de cada povo dando vazão à etnias.

As fusões entre as danças étnicas compõem uma variedade de criações dos chamados assim “tribalistas”, dos quais muitos, provavelmente, embora não pertençam à uma tribo ou à uma seita específica, dançam de modo autêntico, atualizando suas performances, mesmo estas canalizações de danças serem chamadas de Étnicas, cada uma das quais: Indianas, Orientais, Americanas, entre outros.

Observa-se um engano quando solícito, expresso fica entre o entendimento de cada um sobre a Tribal Artistic Dance, que difere de danças Étnicas e de Fusão, embora esta primeira, possa permitir ao indivíduo que ele realize diversificadas fusões contemporâneas, inerente a culturas, ou não. No Estilo Ritual, onde o indivíduo pode se aprofundar em adorar uma ideia, um contexto ou uma crença individual, este pode incluir movimentações, ou dar margem ao que se remeta à Tribal Fusion, considerada atualmente, uma dança Étnica e de Fusão, pois se enquadra nos dois aspectos como categoria de dança.

Entretanto, a Tribal Artistic Dance possui uma característica livre e expressiva, que não delimita o uso do indivíduo a questões culturais, tendo como objetivo principal a criação por meio de suas próprias ideias e emoções. O Objetivo deste estudo tem como atingir o público estudioso, e arquivar em meio aos novos estudos realizados, fundamentações para o estilo Ritual de Tribal Artistic Dance, norteando alunos, bailarinos, e interessados nesta nova dança.

Antigamente, o dançar era considerado sagrado.

De acordo com Vianna (2005), os deuses dançavam. Havia uma cultura em cada um dos povos, os quais adoravam e cultivavam a ideia da dança para

com as questões sagradas e encontramos todas estas escritas em textos e pesquisas antropológicas, onde se encontram documentos registrados e em fontes confiáveis para este. Obtinha-se com a cultura dos povos, seus valores pessoais para com os sentidos da dança, algumas vezes, minimamente diferenciados uns dos outros, a não ser, pelo estilo de roupas, vestimentas, entre outros. Ocorreram de os povos primitivos terem uma abordagem para com a dança e movimentação a cerca de suas adorações. Os povos antigos acreditavam que para chover era necessário oferecer uma movimentação rítmica a um Ser específico. Nesta fase, os primitivos já tinham uma crença, apesar de mínima e muito provavelmente solitária, distante de povos grandes, assim como foi citado no início do presente capítulo (ALMEIDA, 2009). Diante do decorrer desta história, a humanidade foi tomando proporção, onde adequou suas possibilidades e crenças de acordo com o que sentiam, de acordo com o que acreditavam ser Real em conjunto, e expressar, por meio da dança e também dos costumes, as suas ideias e adorações, ritos e rituais, festividades e tudo o que estaria ligado aos sentidos sagrados de um Deus específico de suas religiões, ou de vários deuses e assim por diante. E então, surge uma série de simbologias que são estudadas e pensadas, repensadas, criadas e transformadas, com o passar dos séculos e milênios, por cada um dos povos, que originaram as Danças Étnicas.

Danças Étnicas e de Fusão

Em Strazzacappa (2001 APUD SBORQUIA 2002 p.17), é promovido o informe e reflexão da dança com explicativo de cada categoria em si. No presente capítulo, focaremos em danças étnicas e de fusão sob citação, como segue:

“2. Étnicas: Este tronco é bifurcado e divide-se em dança étnica e populares. A dança étnica representa a cultura particular de um povo, podendo ter traços da dança ancestral. A dança popular pode ser definida, também, como folclórica. Nesta dança, pela miscigenação de culturas, ocorre a re-interpretação de dança de um povo por outros países. São todas manifestações de danças que se mantêm dentro do folclore e se integram à tradição, como por exemplo; o bumba-meu-boi (dança nordestina); e a chula (dança sulista); entre outras.(...). (STRAZZACAPPA 2001 APUD SBORQUIA 2002 P.17)

Compreende-se que a Dança Étnica tem uma história por trás dela. Simbologias e cultura destinadas à uma determinada origem. Temos como exemplo, danças de rua ou chamadas “Street Dance” como dança étnica; American Tribal Style (ATS), unindo uma série de códigos e padrões de movimentos dançados em grupo, que lembra a Dança do Ventre e comunhão entre o sagrado feminino, rememorando danças comemorativas antigas. Existe uma vastidão de danças étnicas das quais se poderiam citar.

As fusões ocorrem quando há uma conexão de uma dança e outra, ocorrendo uma comunicação de técnicas. Chamado assim fica, como Fusões/Fusão. Esta última ocorre em grande parte na Tribal Fusion, que por fim caracteriza-se como este modo, estilo de dança. Uma junção de balé moderno, com alguns passos do ATS, Dança do Ventre e Danças Indianas, continuamente, abrindo possibilidades, até chegarmos no contemporâneo ou até mesmo Street dance, ou como chamado no Brasil: danças de rua. Não é difícil analisar a Tribal Fusion e outras danças bem características, e destas já citadas, pois a primordial é que cada uma delas pertencia à um povo, uma cultura, uma certa

região, de um certo estado, de determinado país, em determinada época da história. Algumas destas danças se mantiveram por muito tempo na história, e outras, se mantém até hoje como dança-espetáculo, de acordo com suas respectivas evoluções.

A Tribal Artistic Dance poderia entrar para a característica “Fusão”, porém, a mesma é voltada ao Indivíduo que dança, que pode em algum momento, não realizar nenhum tipo de fusão. De modo que sua característica principal é Livre e Expressiva.

Estilo Ritual de Tribal Artistic Dance

Atualmente as conceituações a cerca da nomenclatura “Ritual” são voltadas única e exclusivamente ao conceito místico ou ao senso comum de sentido de magia, subentendido. No dicionário é possível localizar suas explicações como se segue:

“Ritual, adj.– Relativo à ritos; s.m. cerimonial; protocolo.
Rito, s.m – Cerimônia ou conjunto de cerimônias de uma religião.
Cerimônia, s.f.– Forma exterior e regular de um culto; solenidade.
Solenidade, s.f. – Festividade, pompa.”
(BUENO, 1996, p. 580;613;133.)

Confirma-se que a origem da intencionalidade em Ritual, diante das sequências indicadas pelo dicionário, que define a nomenclatura Ritual, de modo que, se a dança caracterizada pelo nome assim sendo, e tratando-se de uma dança solo e de espetáculo, o que podemos trazer desta para o indivíduo, é que ele pode utilizar uma série de simbologias pertencentes à ramos de adoração ou religião para dentro de sua performance.

O nome Ritual, na Tribal Artistic Dance, como estilo, originou-se inspirada em um dos artigos de SBORQUIA (2002), a qual caracteriza diversas danças em seu artigo, orientando diversos profissionais, conforme segue abaixo.

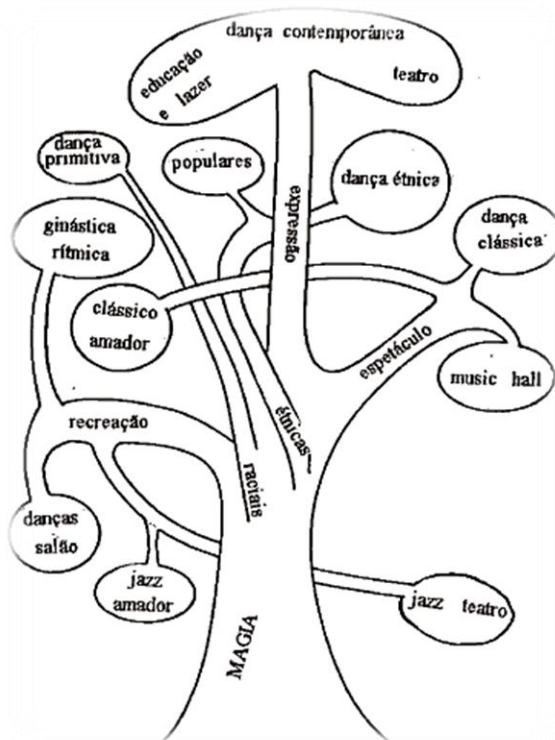


Fig. 1 A árvore da dança

“Strazzacappa também utilizou essa forma de classificar a dança e afirma que toda a dança, não importa qual estética lhe é inerente, surge da “magia”, e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação. Observamos, que essa “magia” poderia ser denominada de acordo com as intenções do ser humano ao manifestar determinada dança. (...)” (STRAZZACAPPA 2001 APUD SBORQUIA 2002 P.17)

Portanto, conforme já dito no capítulo anterior, o Estilo Ritual se embebe da intencionalidade com relação à crença do indivíduo, não exatamente se adequando a uma proposta inicial “Mágica” e sim na liberdade de adorar por meio da dança, realizando esta ligação, que citada por Almeida (2009, p.5), “o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência”, onde podemos adequar a ideia de que até indivíduos não participantes de focos voltados à fé ou religião, poderiam adotar o estilo Ritual como modo a se redescobrir interiormente por meio da dança, ou adorar à outros tipos de crenças que atualmente não são conceituados ou expostos de modo complexo, simples ou de grupo, em caráter de movimentos e danças.

A Ligação entre danças étnicas de fusão com o Estilo Ritual de Tribal Artistic Dance – Tese de Loreta Marjory.

Entendemos, com os capítulos anteriores, que a dança quando criada e recriada (ALMEIDA, 2009), pode-se passar por um processo de individuação do indivíduo que dança. Este processo é caracterizado, de acordo com o analisado pela Árvore da Dança, que este inicial é chamado de Magia, independente de seus conceitos de senso comum (STRAZZACAPPA, 2001). Como dito atualmente no senso comum e também no academicismo, a dança possa ser algo que o indivíduo carrega dentro de si como seus parâmetros diários: Em suas movimentações o indivíduo carrega seu próprio ritmo que o conduz.

Na movimentação intencional, a partir de uma siconicidade de ideias o indivíduo passa a realizar dança além de coreografias. Entretanto, encontramos também, em movimentos coreografados e cadenciados ou até não cadenciados, uma conjunção de tipos de danças já existentes, como ATS (American Tribal Style) e mais atualmente ainda, Tribal Fusion.

A ligação entre o estilo Ritual de Tribal Artistic Dance e Danças Étnicas e De Fusão, torna-se algo optante, se desejado, pelo indivíduo que dança, porém, desde que tenha se passado a estudo, treinamentos e focos destas danças referidas como étnicas e de fusão (entendemos que existem muitas danças mais além de Tribal Fusion, Brasil ou ATS, a quantidade de danças étnicas e de fusões é vasta, como por exemplo Street Dance). Não se pretende com este breve artigo, esboçar todos os tipos de danças étnicas existentes, mas sim, clarear a ideia dos que por meio da Tribal Artistic Dance, venham a criar.

Esta relação passa a ser dependente de suas próprias crenças e desejos. Passa a ter ligação com passado, se assim o indivíduo que crê no passado, ou não, deseja. Se essa crença dependente do indivíduo, faz ligação com essas danças étnicas e de fusão. Compreendamos que, a Tribal Artistic Dance realiza uma junção de possibilidades, e obtêm a parâmetros de estudos e análises acadêmicas, estudiosas e artísticas, uma base para pontos de partida com relação à possibilidades de criação.

Embora iniciado tenha sido o Estilo Ritual com Tribal Fusion ou outras danças já existentes, partindo para uma provável sintonicidade com o estilo Criativa de Tribal Artistic Dance, este estilo promove a possibilidade da crença no Sagrado, que ali, para aquele indivíduo, bailarino ou não, possa ter a probabilidade, de acordo com as suas próprias crenças, liberdade para criar suas próprias ideias e movimentos com relação à adorações. A intencionalidade parte como palavra chave, e muitas vezes, veremos poucas técnicas de outras danças tidas como Étnicas, no estilo Ritual, podemos lembrar tais danças, mas não a termos técnicos aprimorados, pois a Tribal Artistic Dance é idealizada sem obrigatoriedade de padrões estéticos de movimentos, não excluindo estudos diversos de todas as suas estruturas necessárias para o acontecimento desta. Entendamos que, o indivíduo pode realizar movimentos abertos e mistos em caráter criativo para sua adoração no Estilo Ritual, assim como, utilizar de algumas poucas técnicas de danças étnicas, conforme já explicado.

CONCLUSÃO

O significado de Ritual vem da ideia antiga, onde os próprios homens faziam suas adorações, por meio das danças. Caça, pesca, e oferendas aos deuses da natureza consagrados de cada época. Sempre voltado às crenças de cada cultura em si. Traz-se o termo para a Tribal Artistic Dance a fim de empregar a liberdade de criação quanto às suas questões e crenças religiosas, lembrando sempre que a Tribal Artistic Dance emprega uma característica nobre, de intencionalidade forte, presente, onde norteia os artistas bailarinos à uma criação, que pode trazer conceitos e ligações de outras danças já existentes, porém com uma abertura maior à criação e caracterização própria do indivíduo que dança.

A ligação entre danças Étnicas é pequena: porém aberta aos indivíduos: possibilidade de criar como ponto de partida, mas não tendo essa relação com maior foco por se tratar de intencionalidade. A ligação de possibilidade de fusões é livre, não destoando do objetivo principal. Podemos adorar por vários métodos e modos de dança. Podemos utilizar o Balé, porém a intencionalidade é a parte chave caracterizada pelo tema e vestimentas, expressões de suas singularidades desejadas por meio da dança.

Neste estilo Ritual, temos ligações com danças étnicas e de fusão em pequenos momentos onde a dança se acomete, se acontece, dependendo do desejo do ator-bailarino. Podemos obter uma vasta ligação de simbologias do passado ou do presente, diante sempre da crença e da necessidade do indivíduo que dança. E dependendo da mesclagem de informações, começamos a obter pontos de partida para os outros estilos, conforme pudemos ver na imagem da Árvore da Dança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lucia Paes de. **Corpo Poético. O movimento expressivo em C.G. Jung e R. Laban.** Ed. Paulus. São Paulo. 2009.

BENCARDINI, Patrícia. **Dança do Ventre. Ciência e Arte.** Ed. Baraúna. São Paulo. 2009.

TRIBAL ARTISTIC DANCE
Loreta Marjory

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Edição Atualizada. Ed. FTD. São Paulo. 1996.

LABAN, Rudolf Von. **Domínio do Movimento**. 5ª Edição. Summus Editorial. São Paulo. 1978.

PENNA, Lucy. **Dance e Recrie o Mundo. A força criativa do ventre**. 5ª Edição. Summus Editorial. São Paulo. 1993.

SAMPAYO, Sonia. **Dança. Movimento e Expressão Corporal**. Ed. Queen Books. São Paulo. 2013.

SBORQUIA, Silvia Pavessi. A dança no contexto da educação física: os (des) encontros entre a formação e a atuação profissional. **Biblioteca Digital da Unicamp**. Campinas. 2002. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000239234>>. Acesso em 23/11/16 14h27.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES vol.21 no.53**. São Paulo. 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005> Acesso em 23/11/16 14h24.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. 7ª Edição. Summus Editorial. São Paulo. 2005.